

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

FEIJÃO

**Economista Methodio Groxko*

A área plantada com o feijão na segunda safra é de 252.000 hectares, cerca de 12% superior à do ano passado, que foi de 225.000 hectares. A produção, que estava estimada em 491.000 toneladas, seria 83% superior, comparativamente ao volume de 268.000 toneladas colhidas na segunda safra de 2020. Entretanto, as adversidades climáticas que mais uma vez afetam o Paraná, em praticamente todo o período de implantação da cultura, já provocaram significativa redução de safra.

Até o final de abril, a redução, segundo o levantamento do Departamento de Economia Rural, foi de 93.000 toneladas, porém, como praticamente não choveu nos primeiros 10 dias de maio, certamente serão maiores. Até o dia 11, a colheita já havia atingido 13% dos 252.000 hectares cultivados. Neste período, em função de longa estiagem, as lavouras apresentam as seguintes condições: cerca de 28% ruins; 44% como médias e 28% em boas condições. Já em relação às fases, aproximadamente 14% das lavouras estão em floração; 48% em frutificação e 37% em maturação. Isto significa dizer que 62% ainda estão suscetíveis à seca e ao frio, que já se manifesta durante os últimos dias.

A média dos preços recebidos pelos produtores, no mês de abril/21, atingiu R\$ 264,00/sc de 60 kg para o feijão cores e R\$ 256,00/sc de 60 kg para o preto. Em comparação a abril de 2020, o feijão de cor registrou uma redução de 13%, enquanto o preto aumentou 34%.

No período de 03/05/21 a 07/05/21, os preços apresentaram uma elevação de 3,7% para o tipo cores e 3% para o tipo preto, comparativamente à semana anterior.

FRUTICULTURA – ZARC

**Eng. Agrônomo Paulo Andrade*

O Zoneamento Agrícola de Risco Climático/ZARC, desenvolvido pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/Embrapa e parceiros, é aplicado no Brasil como política pública desde 1996, por meio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento/MAPA.

A adoção das indicações do método ZARC como requisito obrigatório nos Programas de Política Agrícola se tornou definitivo para todos os contratos do Programa de Garantia da Atividade Agropecuária/Proagro, a partir de 1998; e no Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural/PSR, desde 2006.

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

O ZARC, propriamente dito, é a delimitação de regiões e épocas de plantio em classes, de acordo com as probabilidades de perda de produção por eventos meteorológicos adversos.

Visando aperfeiçoar o método, os desenvolvedores atuam na evolução contínua da revisão de indicadores, melhorando a base de dados e os avanços metodológicos, na avaliação de risco climático das principais culturas agrícolas.

A fruticultura paranaense se insere no método e na página do MAPA: [Paraná — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br).

Em síntese, na safra vigente são contempladas: o abacaxi, a ameixa, a banana, os citros, a maçã, o mamão, a melancia e a uva, por meio de portarias ministeriais específicas para cada espécie.

O maracujá, a nectarina, a pera e o pêssego tiveram suas portarias revogadas em 2017 e 2018.

Já o abacate, a atemoia, o caqui, o figo, a goiaba, o kiwi, a lichia, a manga e o morango são partícipes em outras unidades da federação e carecem da inclusão dos pomares locais no zoneamento.

Em sintonia com o exposto, o Programa de Subvenção Econômica Estadual ao Prêmio de Seguro Rural (PSR/PR), sob legislação específica,

abrange os fruticultores que atuam com abacaxi, ameixa, caqui, figo, goiaba, kiwi, laranja, maçã, melancia, morango, nectarina, pera, pêssego, tangerina e uva.

O hiato entre as espécies não inseridas no ZARC e inclusas no PSR/PR, para fins de seguro rural, é acordado na prestação de serviços entre as seguradoras e segurados.

Ao contemplar as frutas sem zoneamento nos normativos da subvenção estadual, oportunizou-se aos fruticultores paranaenses a possibilidade de optarem por seguro rural com o benefício da subvenção ao prêmio. Desde que haja interesse das seguradoras de ampararem áreas sem o referido ZARC.

SOJA

**Economista Marcelo Garrido Moreira*

Produção Brasileira

A Companhia Nacional de Abastecimento – Conab – divulgou nesta semana nova estimativa da produção nacional de soja para a safra 2020/21. Segundo o documento, os produtores brasileiros irão colher aproximadamente 135,41 milhões de toneladas da oleaginosa. Apesar da redução em comparação com a estimativa do mês de abril, o volume ainda é

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

8,5% superior aos 124,84 milhões colhidos no ciclo 2019/20. A principal causa do recuo previsto na produção foi o tempo seco, que, além de prejudicar os trabalhos de plantio, afetou as lavouras em algumas importantes regiões produtoras.

Produção Mundial

Também foi divulgado o relatório mensal do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – USDA. O órgão aponta que, na safra 2021/22, serão produzidas 385,53 milhões de toneladas, volume 6,2% superior ao ciclo 2020/21. Segundo o documento, os maiores produtores mundiais serão o Brasil, com 144 milhões de toneladas, Estados Unidos, com 120 milhões de toneladas, e a Argentina, que deverá produzir 52 milhões de toneladas.

MILHO

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

A segunda safra de milho 2020/21 continua apresentando piora nas condições de lavoura nesta semana. Da área total estimada de 2,5 milhões, 25% encontram-se em boas condições, enquanto 45% apresentam situação mediana e 30% são consideradas ruins. Nesta semana choveu no Estado do Paraná, com isso espera-se

uma recomposição parcial do déficit hídrico e, como consequência, uma mitigação dos danos sofridos pelas lavouras de milho.

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou esta semana que a safra brasileira de milho deve atingir 106 milhões de toneladas, uma redução de 2,5 milhões de toneladas comparado à previsão do mês anterior. O viés é que a revisão do próximo mês tenha nova redução da expectativa de produção

Os preços do cereal continuam acima de R\$ 95 a saca de 60 kg (preço recebido pelo produtor). A tendência é que se mantenham elevados, justamente pela expectativa de menor produção nacional.

TRIGO

**Eng. Agrônomo Carlos Hugo Godinho*

Os volumes importados de trigo pelo Brasil neste primeiro quadrimestre estão 16% inferiores aos do primeiro quadrimestre de 2021, passando de 2,6 para 2,2 milhões de toneladas. Apesar de grande produtor do cereal, o Paraná responde por 7% dessa importação, atualmente.

O produto importado pelos moinhos paranaenses geralmente vem da Argentina e do Paraguai, que se alternam como principais origens. Neste ano o Paraguai sai na dianteira, exportando 95,4 mil toneladas para o Paraná, contra 64,8 mil recebidas da

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

Argentina. Uma das grandes diferenças entre as origens é o meio de transporte: enquanto o trigo argentino chega majoritariamente por navios no Porto de Paranaguá, a totalidade do trigo paraguaio chega sobre rodas, principalmente pela Ponte da Amizade.

Pelo lado das exportações, o Brasil viu um incremento de 140% no trigo vendido. Entre agosto de 2019 e julho de 2020, o Brasil vendeu 342 mil toneladas de trigo, período correspondente ao ano comercial do cereal. A partir de agosto de 2020 até o momento, foram vendidas 823 mil toneladas. Este volume não deverá ter grandes alterações até julho, mas já representa mais do que o dobro de volume vendido em todo período 19/20. O Paraná não contribuiu nessas vendas, sendo o trigo local demandado pela indústria nacional, especialmente os grandes parques moageiros instalados no próprio Paraná e em São Paulo.

SUINOCULTURA

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

O Brasil exportou, entre janeiro e abril de 2021, 346,4 mil toneladas, representando um aumento de 25% comparado ao mesmo período de 2020. O

valor financeiro transacionado totalizou mais de 4 bilhões de reais.

O Paraná, no mesmo período, exportou 46,5 mil toneladas, uma alta de 22% comparado a 2020.

PISCICULTURA

**Administrador Edmar Wardensk Gervásio*

Este primeiro quadrimestre marcou a entrada da gigante de proteína animal, JBS, no segmento de pescados. Este movimento demonstra o potencial da piscicultura brasileira. Com isso podemos visualizar no médio prazo uma disponibilidade maior para o consumidor de produtos de pescados e, como consequência, o fomento mais acentuado para a produção tanto da atividade de piscicultura como pescados em geral.

LEITE

** Méd. Veterinário Fábio Mezzadri*

Informe Leite Estiagem

A produção leiteira paranaense tem caído devido à conjuntura atual de estiagem e aumento dos custos de produção. Nas principais bacias leiteiras do Estado, Sudoeste, Oeste e Centro-Oriental, a situação é a seguinte:

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

As pastagens encontram-se em péssimas condições devido à estiagem de quase 60 dias, sem chuvas generalizadas pelo Estado, fator que diminuiu a oferta de alimentos para as vacas leiteiras. Isso, aliado à alta dos custos com a alimentação, ocasionou uma redução na oferta.

Além da estiagem, a atual época é de transição de pastagens. As forrageiras de verão já se encontram em final de produção e inicia-se o plantio das espécies de inverno: aveia e azevém. Entretanto, devido à seca, não foi possível o plantio das pastagens na época certa (fim de março a início de maio), o que certamente irá, mais uma vez, ocasionar falta de alimentação para os rebanhos.

As dificuldades não aconteceram somente na implantação das pastagens. As lavouras de milho safrinha destinadas à produção de silagem também não se desenvolveram devido ao déficit hídrico, e muitas não servirão de alimentação para o gado. Este será mais um fator de aumento nos custos de produção, pois, sem silagem, os produtores terão que adquirir a dieta dos animais a custos elevados, principalmente devido às altas do milho e soja.

Além dos fatores já citados, algumas regiões encontram dificuldades no fornecimento de água para os animais,

situação em que os produtores estão tendo que usar estratégias como montar bebedouros e trazer água de fora da propriedade.

Região Centro–Oriental

Na região centro-oriental, onde estão Palmeira, Ponta Grossa e Castro, a situação é mais confortável, justamente pelo maior uso de tecnologias de produção e sistemas intensivos, possibilitando que a dependência do pastejo a campo seja muito pequena. Nessa região os produtores trabalham com alimentação estocada, de boa qualidade e produzida na propriedade (o que diminui os custos), e não têm sido verificadas maiores alterações na produção dos rebanhos, mesmo em tempos de estiagem. Além disso, não existem registros de abates de animais leiteiros fora do normal ou produtores abandonando a atividade. Atualmente, o único problema é o atraso no plantio das forragens de inverno devido à seca. Entretanto, com as chuvas dos últimos dias, a implantação das pastagens deve se intensificar até o final de maio.

Situação dos Produtores

Com os preços do leite em queda, diminuição da produção e custos se elevando, muitos produtores

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

(principalmente os menores), que dependem de alimentação comprada e em sistemas em que a base da alimentação é a pastagem, estão reduzindo seus rebanhos e, em alguns casos, até abandonando a atividade. Muitos destes têm substituído a produção leiteira por atividades mais rentáveis no momento, como a pecuária de corte e o plantio de soja, mesmo que em sistema de arrendamento. Não são raros os casos em que produtores descapitalizados abatem suas vacas de leite a valores expressivos, na intenção de geração de renda para a manutenção da propriedade.

Preços em Queda

Segundo os preços levantados pelo Deral, a média do valor recebido pelos produtores no Estado do Paraná, em abril de 2021, foi de R\$ 1,86, ou seja, 8,8% a menos do preço registrado em janeiro do mesmo ano (R\$ 2,04). Entretanto, a situação de menor produtividade já exposta pode diminuir a oferta e elevar os preços gradativamente com o avanço da entressafra. A cotação na semana entre os dias 03 a 07 de maio foi de R\$ 1,90, com alta de 3,7% sobre o valor de abril, o que já reflete uma tendência de futura alta.

AVICULTURA

** Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade*

10 de maio: Dia Mundial do Frango

No dia 10 de maio celebrou-se o Dia Mundial do Frango. A data foi estabelecida pelo Conselho Mundial da Avicultura (IPC, sigla em inglês) para celebrar o papel social desta que é a proteína animal mais consumida atualmente por todo o planeta Terra.

Assim, o Brasil tem muito a comemorar, pois é o terceiro maior produtor e líder absoluto nas exportações de carne de frango. Desde 1999, a oferta de carne de frango cresce entre 10% e 14% por ano.

Em 2020 o Brasil registrou um abate recorde de seis bilhões de cabeças de frango, aumento de 3,3% em relação a 2019, e uma produção de 4 bilhões de dúzias de ovos. Na exportação, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), foram vendidas 4,230 milhões de toneladas, que renderam US\$ 6,123 bilhões.

Arábia Saudita suspende a importação de frango de 11 frigoríficos brasileiros

No dia 5 de maio de 2021 o setor avícola nacional recebeu a informação da

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

suspensão de 11 plantas frigoríficas habilitadas para exportar carne de aves para a Arábia Saudita (autoridade sanitária: Saudi Food and Drug Authority - SFDA, na sigla em inglês). Segundo o Ministério das Relações Exteriores e o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a ação foi tomada sem aviso prévio das autoridades sauditas e sem quaisquer justificativas técnicas/ sanitárias/comerciais.

Dados da plataforma Comex Stat, do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, dão conta que, de janeiro a abril de 2021, a Arábia Saudita foi o segundo país que mais comprou carne de frango do Brasil, representando 14% do total exportado, atrás apenas da China, que representa 19%. No primeiro quadrimestre, a Arábia Saudita comprou do Brasil um total de US\$ 275 milhões, um aumento de 18,3% em relação ao mesmo período de 2020.

Eis abaixo a listagem de frigoríficos com exportações suspensas para a Arábia Saudita, cuja maioria é da JBS: 5 da Seara Alimentos/JBS - em Amparo (SP), Brasília (DF), Campo Mourão (PR), Caxias do Sul (RS), Ipumirim (SC); 3 da Vibra Agroindustrial - Itapejara D'Oeste (PR); Pato Branco (PR) e Sete Lagoas (MG); 2 da JBS - em Montenegro (RS) e Passo Fundo (RS); e 1 da Agroaraçá - Nova Araçá (RS).

Segundo o Ministério da Relações Exteriores, em 11 de maio, por informação da autoridade sanitária da Arábia Saudita, a SFDA (Saudi Food and Drug Authority, na sigla em inglês), os estabelecimentos foram suspensos, com vigência a partir de 23/05/2021, porque produtos exportados pelas empresas envolvidas teriam ultrapassado limites e padrões microbiológicos estabelecidos no Regulamento Técnico nº GSO 1016/2015.

Se não bastasse vários problemas que acometem a avicultura de corte brasileira, após suspender 11 plantas frigoríficas processadoras de aves no Brasil, a Arábia Saudita acabou de lançar mais um obstáculo à carne de frango importada: a redução do prazo de validade da carne de frango congelada e seus cortes de um ano para três meses. Essa informação foi divulgada em 11 de maio pela BRF, apontando que, além do Brasil, outros países também devem ser afetados com a nova medida.

A BRF informou, ainda, que as autoridades sauditas notificaram a Organização Mundial do Comércio (OMC) da mudança, e que a companhia avaliará os reflexos em conexão com as autoridades competentes para a adoção de eventuais

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

medidas aplicáveis, em linha com os acordos da OMC.

Segundo a BRF, os países-membros da organização potencialmente afetados pela medida poderão apresentar comentários em até 60 dias contados a partir da data de notificação.

No 1º trimestre de 2021 a exportação brasileira de carne de frango caiu 5,6% em faturamento, mas cresceu 0,3% em volume

Segundo o Agrostat Brasil/MAPA, considerando o acumulado de janeiro a março de 2021, as exportações brasileiras de carne de frango perderam 5,6% em faturamento, atingindo um montante de US\$ 1,524 bilhão em relação ao valor acumulado de 2020 (US\$ 1,614 bilhão).

Já em termos de quantidade exportada, o que se viu foi leve crescimento de 0,3% (2021: 1.006.539 toneladas e 2020: 1.003.092 toneladas).

No período analisado, o país exportou 97,7% de carne de frango na forma *in natura* - inteiros e cortes (983.384 toneladas) - e apenas 2,3%, na forma de industrializados (23.155 toneladas).

Observou-se um crescimento de 0,3% no volume de carne de frango *in natura*

exportada: 2021 (983.383 toneladas) e 2020 (980.384 toneladas).

Do lado do faturamento do produto *in natura*, houve uma queda de 5,9% no primeiro trimestre do ano em curso (2021: US\$ 1,461 bilhão e 2020: US\$ 1,552 bilhão).

O menor faturamento foi resultado do recuo de 6,2% no preço médio da carne de frango *in natura* exportada (2021: US\$ 1.485,25/tonelada e 2020: US\$ 1.583,21/tonelada), realidade que persiste desde 2020.

Os principais destinos da carne de frango brasileiro em 2021 (jan. a mar.) tem sido (volume/faturamento): 1º - China (148.046 toneladas e US\$ 272,732 milhões), 2º - Arábia Saudita (120.839 toneladas e US\$ 205,831 milhões), 3º - Japão (99.895 toneladas e US\$ 181,066 milhões), 4º - África do Sul (78.378 toneladas e US\$ 42,689 milhões), 5º - Emirados Árabes Unidos (67.005 toneladas e US\$ 104,361 milhões), 6º - Hong Kong (47.653 toneladas e US\$ 26,506 milhões), e 7º - Filipinas (26.765 toneladas e US\$ 19,366 milhões).

No Paraná, maior exportador nacional, ocorreu crescimento tanto no volume exportado (+5,4%), como no faturamento (+0,9%). Os números do primeiro trimestre foram: 2021 (volume:

Boletim Semanal* – 19/2021 – 14 de maio de 2021

419.042 toneladas/faturamento: US\$ 581,304 milhões) e 2020 (volume: 397.511 toneladas/faturamento: US\$ 625,061 milhões).

Para a carne de frango *in natura* paranaense também houve recuo no preço médio exportado, mas da ordem de 12,1% (2021: US\$ 1.356,75/tonelada e 2020: US\$ 1.542,69/tonelada).

O Paraná (1º produtor e 1º exportador) continuou se destacando no contexto nacional no primeiro trimestre de 2021, com participação de 41,6% do volume exportado pelo Brasil e com 38,1% da receita cambial (US\$), tendo como outros principais produtores e exportadores os estados de Santa Catarina (22,5%: volume e 24,2%: faturamento) e Rio Grande do Sul (16,1% do volume e 16,7%: faturamento).

Fiquem conectados no DERAL:

www.agricultura.pr.gov.br

www.facebook.com/deralseab.pr

[https://instagram.com/deral_pr](https://www.instagram.com/deral_pr)

https://twitter.com/do_deral

Informe-se, compartilhe, interaja!